

**Como ser uma má filha:
Conflito em “Two Kinds”, de Amy Tan¹**

**João de Mancelos
(Universidade da Beira Interior/Centro de Línguas, Literaturas e Culturas)**

Keywords: Identity, ethnic story, “Two Kinds”, Amy Tan, Asian Americans

Palavras-chave: Identidade, conto étnico, “Two Kinds”, Amy Tan, asiáticos americanos

1. O sonho americano *made in China*

Entre 1849 e 1882, chegaram a São Francisco milhares de imigrantes asiáticos, provenientes sobretudo da China, em busca da “Gam Saan”, expressão que significa literalmente “a montanha de ouro”. A população da Califórnia, que em 1852 era de quinze mil habitantes, rapidamente ascendeu a um quarto de milhão. A esperança era tal que muitos abandonaram os campos e as cidades, em busca de riqueza. Como afirmou o governador do estado, num relatório enviado a Washington: “mills are lying idle, fields of wheat are open to cattle and horses, houses vacant and farms going to waste” (O’Callaghan 58). Enquanto alguns chineses procuraram vingar como garimpeiros, outros empregaram-se na construção dos caminhos-de-ferro, no comércio ou serviços de restaurante e lavandarias, chegando a constituir um quarto da força laboral californiana (Lai 19).

Trabalho, riqueza, terra ou liberdade: qualquer um destes representava para os chineses o idílio americano e a concomitante promessa de uma vida melhor. Contudo, todo o sonho tem um preço: a sobrevivência nos EUA exigiu aos asiáticos alterações na forma de encarar a pirâmide familiar. A hierarquia tradicional, construída de acordo com o sexo (os homens possuíam autoridade sobre as mulheres), a filiação (as mães regiam a vida das filhas) e a idade (os idosos mandavam nas crianças e jovens) foi paulatinamente subvertida.

Tal decorreu, em larga medida, das exigências do mercado laboral: os mais novos dominavam a língua inglesa com maior proficiência do que os mais velhos e mostravam uma adaptabilidade superior e, por isso, ocuparam lugares de supervisão nas empresas. Posteriormente, a lei norte-americana enfatizaria a igualdade entre os sexos; os meios de comunicação e a arte, com destaque para o cinema, valorizariam a juventude; e o sistema

¹ Mancelos, João de. “Como ser uma má filha: Conflito em ‘Two Kinds’, de Amy Tan” *Forma Breve* (Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro) 12 (2015): 337-344. ISSN: 1645-927X.

educativo promoveria a abertura ao debate dos papéis e do género (Lowe 425).

O impacto das mudanças é sempre maior quando ocorre entre pais que nasceram e viveram parte da sua existência na China e os filhos, potenciando o conflito de gerações. A literatura não deixa de refletir acerca desta questão, em romances como *The Flower Drum Song* (1957), de C. Y. Lee, e *Eat a Bowl of Tea* (1961), de Louis Chu; na biografia *Fifth Chinese Daughter* (1950), de Jade Snow Wong; nos ciclos de histórias *The Woman Warrior* (1975), de Maxine Hong Kingston, ou *The Joy Luck Club* (1989), de Amy Tan.

2. O conflito de gerações em “Two Kinds”, de Amy Tan

Amy Tan é uma das mais prolíferas e talentosas autoras da literatura sino-americana da atualidade. A sua escrita aborda temas como o hibridismo étnico, o conflito de gerações educadas em culturas, países e línguas diferentes, e a influência profunda dos meios de comunicação social no pensamento dos imigrantes. Tal como algumas das suas personagens, também Tan conhece as dificuldades e desafios de crescer entre duas tradições distintas, por vezes, com sistemas de valores contrários. Os pais tinham imigrado da China comunista para o estado de Oklahoma, onde Tan viria a nascer. A mãe, Daisy, descendia de uma família abastada de Xangai, onde fora casada e tivera um menino e três filhas — facto que ocultou até à morte do marido. O pai, também chinês, engenheiro elétrico e sacerdote batista, viria a morrer cedo, vítima de um tumor cerebral (Kirszner e Mandell 311).

Tan cresceu influenciada pela riqueza cultural das lendas e tradições chinesas, parte da sua identidade, e também pela relação, por vezes difícil, com a mãe. Não surpreende, pois, que autora tenha tirado partido da sua experiência pessoal, plasmando-a na escrita, em obras como *The Joy Luck Club* (1989), *The Kitchen God's Wife* (1991) ou *The Bonesetter's Daughter* (2001), e em histórias infantojuvenis, como *Moon Lady* (1992) e *Sagwa, the Chinese Siamese Cat* (1994) (Kirszner e Mandell 311).

A narrativa “Two Kinds” constitui uma parte do romance de estreia *The Joy Luck Club*, publicado pela primeira vez em 1989. O referido volume mereceu os melhores elogios da crítica, foi nomeado para o *American Book Award* e traduzido para mais de três dezenas de línguas. Mais tarde, serviu de base ao filme homónimo, estreado em Portugal com o título *O clube da sorte e da alegria* (1993), e realizado por Wayne Wang, um cineasta de Hong Kong (McAlister 3).

Os diversos episódios que compõem o romance *The Joy Luck Club* interligam-se para formarem um todo coeso, através de estratégias que proporcionam ao leitor uma visão da experiência quer dos imigrantes nascidos na China, quer dos seus filhos, nados em território

norte-americano. De facto, conto a conto, os temas, as personagens e os locais recorrem, formando um ciclo de histórias, tão comum nas narrativas étnicas (Ling 138).

Outra imagem possível para descrever esta obra é a de uma manta de retalhos, onde lendas e história, ficção e realidade, tradições chinesas e hábitos norte-americanos, sentimento comunitário e independência individual, se entretecem, revelando ora a riqueza ora a confusão por vezes inerente ao hibridismo (Adams 1-2).

As personagens dividem-se entre as mães (Suyuan Woo, Lindo Jong, Ying-Ying St. Clair e An-Mei Hsu) e as filhas (Jing-Mei “June” Woo, Waverly Jong, Lena St. Clair e Rose Hsu Jordan). As mães partilham a condição de imigrantes que saíram da China por razões diversas, mas sempre dolorosas: escapar à invasão japonesa, a um casamento de conveniência, a uma vida de submissão e abuso, ou a uma situação familiar e social espinhosa. Por seu turno, as filhas partilham com os leitores a luta pela autonomia face às mães dominadoras (Davis 10).

Suyuan Jong é a fundadora do *Joy Luck Club*, um grupo que se reúne frequentemente não apenas para jogar Mahjong, mas sobretudo para conviver e partilhar experiências da nova vida nos Estados Unidos da América. Entre os principais assuntos debatidos, contam-se a interação entre culturas tão diversas quanto a chinesa e a norte-americana, os valores dos imigrantes e dos descendentes, e o conflito entre gerações.

O conto em análise, “Two Kinds”, arquiteta-se precisamente através da tensão entre as expectativas demasiado elevadas de uma mãe, Suyuan, e as limitações da sua filha, Jing-Mei, que não se evidencia por possuir algum talento invulgar:

My mother believed you could be anything you wanted to be in America. You could open a restaurant. You could work for the government and get good retirement. You could buy a house with almost no money down. You could become rich. You could become instantly famous. (Tan 132)

Norteadada pelo sonho norte-americano, Suyuan procura a todo o custo que a filha atinja o sucesso e se distinga como uma criança prodígio, apesar da nítida falta de vocação desta. Para tanto, toma como modelo Shirley Temple, “America’s little girl”, a menina, que sobressaiu como atriz, cantora e bailarina, estrelando em películas como *Little Miss Marker* (1934), *The Little Colonel* (1935), *Heidi* (1937), ou *Rebecca of Sunnybrook Farm* (1938). A popularidade de Temple foi tal que conquistou a adulação das audiências e da crítica especializada, originando uma vasta gama de produtos, desde bonecas com caracóis loiros, semelhantes aos seus, vestidos para crianças, ou canecas com a fotografia estampada (Hammontree 207).

Neste sentido, a narrativa alude à poderosa influência dos meios de comunicação de massa, como a TV e a sétima arte, tantas vezes veículos dos ideais norte-americanos e da

aculturação dos imigrantes:

We didn't immediately pick the right kind of prodigy. At first my mother thought I could be a Chinese Shirley Temple. We'd watch Shirley's old movies on TV as though they were training films. My mother would poke my arm and say, 'Ni kan. You watch.' And I would see Shirley tapping her feet, or singing a sailor song, or pursing her lips into a very round O while saying 'Oh, my goodness.' (Tan 132)

Inicialmente, Jing-Mei esforça-se por descobrir o talento que acreditava existir em si, quer por vaidade, quer para obter reconhecimento. Por seu turno, a mãe persiste em despertar o entusiasmo da filha, recorrendo a toda a espécie de fontes:

Every night after dinner my mother and I would sit at the Formica topped kitchen table. She would present new tests, taking her examples from stories of amazing children that she read in *Ripley's Believe It or Not* or *Good Housekeeping*, *Reader's Digest*, or any of a dozen other magazines she kept in a pile in our bathroom. My mother got these magazines from people whose houses she cleaned. And since she cleaned many houses each week, we had a great assortment. She would look through them all, searching for stories about remarkable children. (Tan 133)

Nestes serões, Suyuan apresenta testes diversos para desvendar os supostos talentos da filha, desde a matemática à acrobacia, passando pelas artes mágicas ou pela adivinhação. Os resultados são desapontantes e geram na pequena Jing-Mei um sentimento crescente de frustração e de revolta contra a mãe. No entanto, na solidão de uma casa banho, ao contemplar-se ao espelho, Jing-Mei apercebe-se de que a sua identidade não reside nas expectativas maternas, mas no próprio eu:

And then I saw what seemed to be the prodigy side of me — a face I had never seen before. I looked at my reflection, blinking so that I could see more clearly. The girl staring back at me was angry, powerful. She and I were the same. I had new thoughts, willful thoughts — or, rather, thoughts filled with lots of won'ts. I won't let her change me, I promised myself. I won't be what I'm not. (Tan 134)

Enquanto assiste ao *Ed Sullivan Show*, um dos programas televisivos mais populares da época, Suyuan tem uma epifania: uma criança asiática, de nove anos, com o penteado semelhante ao da filha, toca piano prodigiosamente. Sob o sortilégio da música, Suyuan decide, naquele momento, que Jing-Mei será uma virtuosa das teclas. Para tanto, pede lições a um vizinho, Mr. Chong, um professor de música reformado, quase surdo, em troca de lhe limpar o apartamento. Cansada de tantas tentativas para descobrir um talento oculto, o entusiasmo da

Jing-Mei está longe de corresponder às esperanças da mãe, pelo que protesta: “Why don’t you like me the way I am?” I cried. “I’m not a genius! I can’t play the piano. And even if I could, I wouldn’t go on TV if you paid me a million dollars!” (Tan 136).

As lições de piano revelam-se inúteis, como afirma a narradora, neste passo humorístico: “I would play after him, the simple scale, the simple chord, and then just play some nonsense that sounded like a rat running up and down on top of giraffe cans. Old Chong would smile and applaud and say, “Very good! But now you must learn to keep time!” (Tan 137).

A estreia pública de Jing-Mei ocorre num concurso de talentos, perante o pai e a mãe, as amigas do *Joy Luck Club*, o professor de piano, um grande número de crianças *realmente* sobredotadas e o público em geral. Parece-me significativo que a peça escolhida para a interpretação seja “Pleading Child”, parte de *Scenes from Childhood*, do compositor romântico alemão Robert Schumann (1810-1856). De facto, Jing-Mei implora tolerância por parte da mãe, pedindo-lhe que a aceite tal como é, e não como uma criança-prodígio.

Sem surpresa, a interpretação, pejada de notas em falso, constitui um fiasco evidente para todos, exceto para o professor de piano, surdo, que irrompe em gritos de “Bravo! Bravo! Well done!”. A humilhação é completa: os pais quedam-se embaraçados, um menino murmura para a mãe “That was awful”, e até uma rapariga chinesa sua amiga, Waverly Jong, exclama, desdenhosa: “You aren’t a genius like me!” (Tan 140). A visão do sonho americano de Suyuan tornara-se numa miragem.

O momento climático do enredo ocorre poucos dias depois, quando a mãe insiste com a filha para que esta regresse à prática do piano. Jing-Mei recusa terminantemente, revelando o contraste entre a sua maneira de ser e o preceito chinês da obediência aos pais: “I wasn’t her slave. This wasn’t China”. E decide: “I’m not going to play anymore (...). Why should I? I’m not a genius” (Tan 141). Num requinte de crueldade afirma que está arrependida de ter nascido e que gostaria de ser como os irmãos gémeos, que a mãe tivera de abandonar na China, aquando da invasão nipónica.

3. Notas dissonantes

Desde a década de setenta à atualidade, numerosas narrativas feministas centram-se na figura da filha, no relacionamento com a mãe, e na procura da autonomia e da experiência pessoal. Neste sentido, a mãe é vista como a Outra e a identidade das crianças e jovens constrói-se através da oposição à figura materna, que frequentemente representa a submissão patriarcal e as tradições (Hirsch 135-136).

O conto “Two Kinds” insere-se nessa linha, e aborda o conflito de gerações, despertado

pela diferença entre as expectativas maternas e as reduzidas possibilidades da filha. O próprio título remete para o contraste entre a imagem da rapariga obediente, idealizada pelos costumes, e a realidade da jovem que opta pela independência, como ilustra este passo:

‘You want me to be something that I’m not!’ I sobbed. ‘I’ll never be the kind of daughter you want me to be!’ ‘Only two kinds of daughters,’ she shouted in Chinese. ‘Those who are obedient and those who follow their own mind! Only one kind of daughter can live in this house. Obedient daughter!’ (Tan 142)

Este excerto do diálogo basta para evidenciar a rutura entre a mãe e a filha; as expectativas maternas e a liberdade de escolha; mas também a maneira de pensar chinesa e a norte-americana. Como nota Harold Bloom, “‘Two Kinds’ has the irony, as a title, of meaning also two worlds: China and the United States” (Bloom 2).

O epílogo do conto reforça o conflito entre gerações: meses após a morte da mãe, Jing-Mei regressa ao apartamento, e toca piano, pela primeira vez, em muitos anos. Nele, descobre duas partituras: uma contém a malfadada peça “Pleading Child”; a outra é “Perfectly contented”. Por fim, num momento de epifania, a protagonista compreende: “I realized they were two halves of the same thing” (Tan 144). De facto, os títulos das composições remetem para a tensão que sente, resultante do conflito entre duas gerações, culturas, formas de ser e de pensar díspares.

Noutro passo do mesmo romance, Jing-Mei assimila as diversas experiências, numa síntese que me parece importante para compreender o espírito quer do conto, quer da obra, em geral. Referindo-se às mães, assevera:

They see daughters who grow impatient when their mothers talk in Chinese, who think they are stupid when they explain things in fractured English. They see that joy and luck do not mean the same to their daughters, that to these closed American-born minds ‘joy luck’ is not a word, it does not exist. They see daughters who will bear grandchildren born without any connecting hope passed from generation to generation. (Tan 40)

Neste sentido, estas mulheres podem pertencer a qualquer grupo dito minoritário, pois experienciam os desafios do hibridismo étnico e procuram descobrir ou construir a sua identidade, entre o passado e o presente, as raízes e as escolhas, os sonhos projetados pelos pais e o simples desejo de se ser quem é (Lew 10).

Como argumenta o poeta libanês americano Khalil Gibran, numa das suas mais expressivas e tocantes composições do livro *O Profeta*:

Os vossos filhos não são os vossos filhos.
 São os filhos e filhas da nostalgia da vida por si mesma.
 Eles vêm por meio de vós, mas não de vós,
 E, apesar de estarem convosco, não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor, mas não as vossas ideias,
 Pois eles possuem as suas próprias ideias.
 Podeis abrigar os seus corpos, mas não as suas almas,
 Pois as suas almas habitam nas moradas do amanhã,
 Que nem nos vossos sonhos podeis visitar.
 (Gibran 19)

Bibliografia

- Adams, Bella. *Amy Tan*. Manchester: Manchester UP, 2005.
- Bloom, Harold. "Introduction." *Amy Tan*. Ed. Harold Bloom. New York: Infobase, 2009. 1-2.
- Davis, Rocío G. "Identity in Community in Ethnic Short Story Cycles: Amy Tan's *The Joy Luck Club*, Louise Erdrich's *Love Medicine*, Gloria Naylor's *The Women of Brewster Place*". *Ethnicity and the American Short Story*. Ed. Julie Brown. New York: Garland, 1997. 3-23.
- Gibran, Khalil. *O Profeta*. Trad. Jorge Pinheiro. Mem Martins: Livros de Vida Editores, 1995.
- Hammontree, Patsy Guy. *Shirley Temple Black: A Bio-bibliography*. Westport: Greenwood, 1998.
- Hirsch, Marianne. *The Mother/Daughter Plot: Narrative, Psychoanalysis, Feminism*. Bloomington: Indiana UP, 1989.
- Kirszner, Laurie G., and Stephen R. Mandell. *Fiction: Reading, Reacting, Writing*. Fort Worth: Harcourt Brace, 1994.
- Lai, Him Mark. *Becoming Chinese American: A History of Communities and Institutions*. Walnut Creek: Altamira, 2004.
- Lew, Julie. "How Stories Written for Mother Became Amy Tan's Best Seller." *The New York Times* 4 July 1989: 10.
- Ling, Amy. *Between Worlds: Women Writers of Chinese Ancestry*. New York: Pergamon, 1990.
- Lowe, Lisa. "Heterogeneity, Hybridity, Multiplicity: Marking Asian American Differences." *Asian American Studies: A Reader*. Ed. Jean Wu, and Min Song. New Brunswick: Rutgers UP, 2007. 423-442.
- McAlister, Melanie. "(Misreading) *The Joy Luck Club*." *Amy Tan*. Ed. Harold Bloom. New York: Infobase, 2009. 3-16.
- O'Callaghan, Bryn. *An Illustrated History of the USA*. Essex: Longman, 1990.
- Suárez-Orozco, Carola, and Marcelo M. Suárez-Orozco. *Children of Immigration*. Harvard: HUP, 2002.

Tan, Amy. *The Joy Luck Club*. London: Random House, 2008.

Resumo

O conto “Two Kinds”, incluído na antologia *The Joy Luck Club* (1989), é um dos mais expressivos da escritora asiática-americana Amy Tan. A narrativa aborda as expectativas de uma mãe, Suyuan Woo, relativamente à filha, Jing-Mei Woo. Suyuan persiste em ver nela a menina-prodígio, de modo a concretizar o sonho americano de fama e riqueza. Contudo, Jing-Mei é apenas uma jovem comum, sem qualquer talento em especial. Por conseguinte, gera-se entre ambas uma tensão no contexto do conflito de gerações e da diferença de pensamento entre os imigrantes de primeira vaga e os seus descendentes. Para analisar o conto, recorro a ensaios de especialistas em estudos culturais, a críticos literários e, naturalmente, às minhas opiniões.

Abstract

The short-story “Two Kinds”, included in the anthology *The Joy Luck Club* (1989), is one of the best by Asian American author Amy Tan. The narrative deals with the expectations that a mother, Suyuan Woo, has regarding her daughter, Jing-Mei Woo. Suyuan insists on seeing her as a prodigy child, in order to fulfill the American dream of fame and richness. However, Jing-Mei is just a common girl, without any special talent. Consequently, a friction between them occurs, in the context of the generation gap and the differences in thought between the first wave immigrants and their descendants. To analyze this short-story, I resort to studies by specialists in Cultural Studies, to literary critics and, naturally, to my opinions.